

# A Fundação Cultural busca Novos Rumos

Eclison Tito

Três acontecimentos importantes para o processo cultural brasiliense abrem promissoramente a década no Planalto Central: a substituição do diretor da Fundação Cultural, a gravação do primeiro compacto do compositor Renato Matos e o lançamento de *Tzão* — "baralho/livro" do jornalista e teatrólogo Celso Araújo.

Sintomas locais e concretos de um fenômeno mais geral — as escaramuças da redefinição das forças sócio-políticas para a manipulação do Poder no Estado, de um lado, e de outro os resultados das fervuras do caldeirão cultural candango — estes acontecimentos portam uma contradição subjacente, em cujo desenvolvimento é preciso estar atento e interessado: a que se dá entre criação e instituição, produção cultural e reprodução institucional. O primeiro dos três se dá ainda em esferas secretas. Os dois outros são frutos quentes da terra-Brasília, pertencem ao dia-a-dia, à outra margem do presente.

O interesse nessa contradição, por sua vez, também é de natureza opositiva e recobre finalidades divergentes.

Nesse sentido, mas também em outros, a substituição do diretor da FCDF (demissionário ou demitido) tem importância sobretudo enquanto manobra tática, elemento integrante e necessário numa estratégia geral de re legitimação. As instituições numa farândola de manobras cuja verdadeira dinâmica precisa ser revelada e que só não apresenta caráter de ilusionismo porque tudo, afinal, está mesmo sempre em movimento. Não é a troca de nada que todas elas andam à cata do espaço que perderam, desacreditadas que foram ao longo de pelo menos 13 dos 15 anos seguintes ao golpe militar de 1964.

Ruy Pereira caiu? Demitiu-se por cansaço? Não faz tanta diferença. Faria, se isso tivesse ocorrido logo após o último Festival de Cinema, quando houve, pela primeira vez na cidade, uma confrontação político-ideológica pública entre setores ligados à produção cultural no DF e a entidade que dirigia. Ou as críticas eram dirigidas apenas à pessoa do sexagenário que a comandava desde a década passada? A essa altura do processo histórico brasileiro, falsas questões como estas precisam ser descartadas com urgência. Servem ao poder cujos mecanismos se busca clarificar e transferir para o domínio da comunidade.

Contradições entre o ex-diretor e a Secretaria de Educação, se existem, são de natureza *sui generis* e não conflituosa: tudo acabou em festa, sin-



Ruy Pereira da Silva



Carlos F.M. Coutinho

## Dúvidas

*Alguns fatos envolvendo a queda de Ruy Pereira da Silva, do cargo de Diretor Executivo da Fundação Cultural.*

1. Ruy Pereira declara em entrevista ao JBr que se afastou da Fundação por dois motivos principais: cansaço e falta de verbas. Já a Secretaria de Educação e Cultura, Eurides Brito, embora confirmando um pedido de afastamento de Ruy Pereira, enfatiza que, de fato, não havia um trabalho integrado entre a Secretaria de Educação e Cultura e a Fundação.

2. Ruy Pereira nega peremptoriamente que tenha havido qualquer atrito entre ele e o ministro da Educação, Eduardo Portella, conforme foi noticiado pelos jornais, envolvendo, inclusive, o fechamento do Teatro Nacional. A ex-chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, Miriam Daulsberg, confessou a um repórter, "off records" (ao pé das oídas) que efetivamente as relações entre o MEC e Ruy Pereira não eram das melhores, mas o que se poderia fazer?...